ANA MARGARETE HEYE
(1940-1992)

MARIA LAURA VIVEIROS DE CASTRO CAVALCANTI
Universidade Federal do Rio de Janeiro

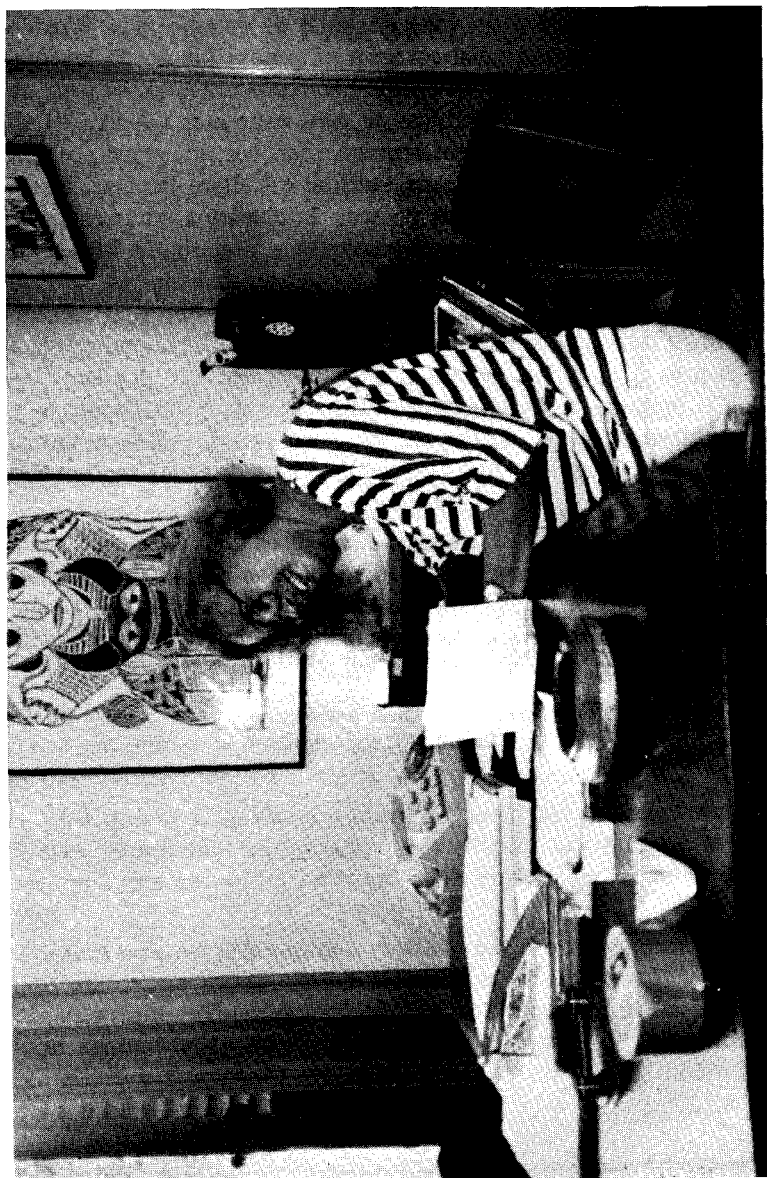
Ana Heye era mestre em Antropologia Social pelo PPGAS do Museu Nacional/UFRJ, com a dissertação *Mata Machado — Um Estudo de Moradia Urbana*, defendida em 1979 sob orientação do Prof. Gilberto Velho. Entre 1975 a 1978, Ana já tinha trabalhado no projeto "Etnografia e Emprego Social da Tecnologia" no Setor de Etnografia do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, sob a coordenação da Profa. Maria Heloísa Fénelon Costa. Dessa experiência nascera, em 1978, o subprojeto "O Artesanato em Paraíba do Sul, Rio de Janeiro", coordenado até o ano de 1982 pela própria Ana. Em 1983, Ana ingressou como assessora técnica e pesquisadora no antigo Instituto Nacional do Folclore (INF) da extinta Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), hoje Coordenação de Folclore e Cultura Popular (CFCP) do Instituto Brasileiro de Arte e Cultura (IBAC). Ana faleceu de enfarte, em julho de 1992, quando gozava férias em Arraial do Cabo, após um longo período de corajoso combate contra um câncer que lhe minou a saúde.

Ana Heye fazia parte de um grupo de antropólogos convidados por Lélia Coelho Frota para o Instituto Nacional de Folclore, no intuito de reaproximar a área de estudos de folclore da antropologia e do ambiente acadêmico das ciências sociais (do grupo participaram Ricardo Gomes Lima, Elizabeth Travassos, Dinah Guimarães, eu mesma, Marina de Mello e Souza, e, um pouco mais tarde, já na gestão de Amália Geisel, Ligia Segalla, Myriam Lins e Barros, Silvana Araújo e Luiz Rodolfo Vilhena). Nesse empenho, Ana interessou-se especialmente pelo artesanato tradicional, coordenando projetos como a Sala do Artista Popular (SAP) e o Projeto

Anuário Antropológico/92
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994

Piloto de Apoio ao Artesão, este último implantado entre os anos de 1984 a 1988 nos municípios de Parati (Rio de Janeiro) e Juazeiro do Norte (Ceará). Desse interesse, Ana nos deixou textos como *Benedito Eduardo de Carvalho, Escultor de Nazareno, Minas Gerais* (SAP 32); *Conchas, Piúma, Espírito Santo* (SAP 40); *Barro é Encante: Cerâmica de Apiaí, São Paulo* (SAP 48), em parceria com Elizabeth Travassos; "Repensando o Artesanato", ensaio premiado pelo Concurso do INF do Ano Interamericano de Artesanato/OEA, publicado em *O Artesão Tradicional e o seu papel na Sociedade Contemporânea* (FUNARTE, INF, 1983, RJ); e o *Relatório do Projeto Piloto de Apoio ao Artesão* (FUNARTE, INF, 1987), em parceria com Marina de Mello e Souza. O projeto de Apoio ao Artesão pretendia uma atuação direta na realidade dos municípios estudados, visando favorecer os artesãos tradicionais, identificando os pontos de estrangulamento no circuito de sua produção, sem prejuízo das características culturais da atividade artesanal. O texto é um valioso registro dessa experiência de antropologia aplicada.

Ana manteve também o interesse pelos estudos urbanos. Publicou o artigo "A Questão da Moradia numa Favela do Rio de Janeiro, ou Como ter Anthropological Blues sem Sair de Casa", no livro *O Desafio da Cidade* (Campus, 1980), organizado por Gilberto Velho. Nele realizou uma etnografia sensível da importância da casa, do "morar direito", para os moradores de Mata Machado, refletindo sobre a pesquisa de campo num universo "familiar" (Ana morava na ocasião numa velha mansão de sua família, vizinha da favela no Alto da Boa Vista) e, ao mesmo tempo, "desconhecido". Em *Casa Grande & Senzala, 50 Anos Depois — Um Encontro com Gilberto Freyre* (FUNARTE, 1985), escreveu um breve e instigante comentário, intitulado "Casa Grande & Senzala e a Moradia Coletiva de Hoje: Dois Tipos Extremos de Habitação", no qual explorava a hipótese de GF de que tipos extremos de habitação dispõem do máximo de valor simbólico da configuração social examinada. O caso examinado, um grande condomínio de luxo localizado no bairro de São Conrado no Rio de Janeiro, favorecia a exclusão, a exacerbação de antagonismos e a impossibilidade de comtemporização de estilos de vida ao contrário da interação cultural e social propiciadas pela oposição casa grande/senzala no período colonial.

No segundo semestre de 1989, Ana Heye assumiu a direção do Instituto Nacional do Folclore, e, em março de 1990, enfrentou, com coragem surpreendente diante de seu temperamento naturalmente discreto, a "refor-

Ana Margarete Heye (Foto: Décio Daniel — CFCP/IBAC)

ma" administrativa do ex-presidente Collor que desmantelou a área da Cultura no âmbito federal. Por volta de julho do mesmo ano, Ricardo Gomes Lima substitui-a com igual coragem na penosa função de inventariante. Graças a ambos, à coesão da equipe e ao apoio recebido por parte de intelectuais e das associações científicas do país, entre elas a ABA, o INF pôde preservar a integridade de seus acervos e funções, integrando-se, em 1991, ao IBAC como Coordenação de Folclore e Cultura Popular. Nesse ínterim, o INF teve contudo vários de seus funcionários arbitrariamente demitidos, entre eles a pessoa que respondia pela portaria do Museu de Folclore Edison Carneiro. Nessa ocasião, os demais funcionários revezaram-se na portaria de modo a manter o museu aberto ao público. Mantendo viva a atividade de reflexão nesse período adverso, Ana Heye aproveitou a experiência para a redação de um artigo — "Museu, Folclore, Visitante" — que a CFCP pretende publicar no segundo volume da Série Encontros e Estudos, intitulado *O Museu em Perspectiva*. Nele, vendo a visita ao museu como um ritual de passagem, Ana analisou de forma divertida e original o livro de registro das opiniões dos visitantes.

Fui colega de Ana todos esses anos e, como os demais colegas, sinto muito a sua falta. Sua lembrança amiga será sempre a desconcertante mistura de sua fina ironia, elegante perspicácia e de seu senso de humor risonho e boêmio que não dispensava ao final do dia um bom chope gelado com batatas fritas.